

QUAL FORMA PRONOMINAL VOCÊ COSTUMA USAR PARA SE DIRIGIR AO SEU PAI OU A SUA MÃE? UMA REFLEXÃO SOBRE A ESCOLHA DE TRATAMENTO NAS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS EM FLORIANÓPOLIS/SC

Patrícia Graciela da ROCHA¹

RESUMO: Neste estudo, temos o objetivo de verificar, a partir dos testes de percepção e produção linguística qual é o pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos afirmam usar para se dirigirem aos pais. Nosso aparato teórico e metodológico baseia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) e da Dialetolegia Pluridimensional (RADTKE E THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999). A amostra utilizada nesta pesquisa compreende testes de percepção e produção aplicados na cidade de Florianópolis. Esses testes foram aplicados a alunos de uma escola de Educação Básica do entorno da UFSC, a acadêmicos de alguns cursos de graduação da UFSC, a alunos da IFSC/Florianópolis/Continente, a trabalhadores do comércio do centro de Florianópolis, dentre outros. Diante dos resultados obtidos podemos verificar que, nas relações de assimetria com os pais, os informantes estão divididos entre os que afirmam preferir o uso exclusivo de *tu* e os que afirmam usar somente *o senhor*, além daqueles que usam a forma *você* confirmando o caráter mais respeitoso e mais distante do *você* e de maior proximidade e intimidade do *tu*, além do caráter mais polido, mais cortês e mais respeitoso de *o senhor*.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes; Segunda pessoa; Florianópolis; Sociolinguística, Dialetolegia.

ABSTRACT: The following article intends to verify from the perception and linguistics production tests which one is the second person treatment pronoun that florianopolitanos states they use to refer to their parents. Our theoretical and methodological apparatus are based on the Linguistics Variation and Change Theory assumptions (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) and Multidimensional Dialectology (RADTKE E THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999). The sample used in this research consists in perception and production tests applied in Florianópolis city. These tests were applied to students of Basic Education school around UFSC, to some UFSC undergraduation academics, to IFSC/Florianópolis/Continente students, to the Florianópolis downtown workers, among others. Due to the obtained results we can see that, in the asymmetrical relationship with parents, the informants are divided between the ones which states to prefer the exclusive use of *tu* and the ones which states to use only the *senhor*, beside the ones that use the *você* form confirming a more respectful character and more distant from *você* and of a greater proximity and intimacy from *tu*, besides the more polished, more courteous and more respectful of the *senhor*.

KEYWORDS: Pronoun; Second person; Florianópolis; Sociolinguistics; Dialectology.

¹ Doutora em Linguística e Professora do curso de Letras Português e Espanhol/EAD da UFMS.

Introdução

As formas de tratamento em uma comunidade parecem refletir valores e atender a interesses de seus indivíduos, pois elas são instrumentos importantes para a diferenciação dos relacionamentos e dos contextos sociais em que esses relacionamentos ocorrem. “A escolha entre as formas disponíveis para se dirigir à segunda pessoa é condicionada por fatores sociais e ideológicos e a conformidade do indivíduo em relação às normas de uso reflete sua atitude quanto aos valores sociais do grupo em que está inserido” (DIAS, 2007, p.1). Ademais, fatores psicológicos também parecem condicionar a escolha da forma de tratamento, pois podem demonstrar afeto, amor, ódio, raiva, desprezo, ironia, irritação, distanciamento, afeição, hostilidade, admiração, adulação, educação etc. Por conseguinte, é evidente a importância da escolha da forma de tratamento na interação humana e os conflitos que uma seleção inadequada pode gerar.

Sob a visão da Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação e Mudança, temos visto várias pesquisas, por todo o Brasil, que vêm apresentando resultados esclarecedores sobre os usos dos pronomes de segunda pessoa do discurso. Nesse sentido, a Região Sul é privilegiada por ter sido contemplada com muitos trabalhos sobre esse objeto que nos trazem uma boa descrição do fenômeno (RAMOS, 1989; SOARES; 1999; MENON 2000; LEÃO, 2003; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ARDUIN, 2005; COELHO E GÖRSKI 2011; NUNES de SOUZA, 2011, ROCHA, 2012, dentre outros).

Este estudo parte dos resultados de uma pesquisa (ROCHA, 2012) sobre o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/o senhor*, na função de sujeito e sua correlação com as formas pronominais que aparecem na função de complementos verbais e de adjuntos (oblíquos e possessivos) a partir de dados sincrônicos do português brasileiro da variedade usada na cidade de Florianópolis – Santa Catarina – Brasil.

No presente trabalho, nosso objetivo é verificar, a partir dos testes de percepção linguística, qual é o pronome de segunda pessoa que os florianopolitanos afirmam usar em situações assimetria – na sua relação com os pais – e quais os fatores sociais estão envolvidos nessa escolha.

Metodologia

Nosso aparato metodológico baseia-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) e da Dialetologia Pluridimensional (RADTKE E THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999).

A amostra utilizada nesta pesquisa compreende testes de percepção linguística que foram aplicados pela própria pesquisadora em escolas de Educação Básica e em alguns comércios de Florianópolis. Os testes aplicados na Universidade (UFSC) contaram com a ajuda de alguns professores da instituição que receberam orientação de como proceder.

Após a entrega dos testes, foi realizada a leitura dos comandos, com a orientação de que os participantes não conversassem entre si, e de que as dúvidas devessem ser esclarecidas pela pesquisadora/professora.

Levando em consideração que os alunos da Educação Básica tendem a tomar a pesquisa de opinião como uma avaliação, enfatizamos o objetivo da pesquisa, com a indicação de não haver uma resposta correta. Procuramos também deixar os participantes menos tensos afirmando-lhes que os testes não seriam vistos por seus professores.

Para a estratificação dos informantes consideramos as variáveis extralinguísticas: *sexo, idade e escolaridade*, adotando o seguinte perfil.

Quadro 1: Estratificação dos informantes dos testes

Sexo	Informante 1 a 10	Informante 11 a 20	Informante 21 a 30	Informante 31 a 40
Feminino	12 a 33 anos. Ensino Fund.	17 a 33 anos. Ensino Superior	42 a 74 anos. Ensino Fund.	42 a 75 anos. Ensino Superior
Masculino	12 a 33 anos. Ensino Fund.	17 a 33 anos. Ensino Superior	42 a 74 anos. Ensino Fund.	42 a 75 anos. Ensino Superior
TOTAL	10	10	10	10

Entretanto, quando os testes foram aplicados nas salas de aula, seja da Educação Básica ou no Ensino Superior, todos os alunos puderam participar e todos os testes foram recolhidos. Somente depois da coleta realizada é que fizemos a separação de acordo com a estratificação

social mencionada no quadro 1 e os que não faziam parte do perfil desejado foram, em um segundo momento, excluídos da amostra².

Nesse teste, fizemos as seguintes perguntas: (1) Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga? (2) Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe? (3) Qual forma você costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe, por ex.)? (4) Qual dessas formas você acha boa ou mais bonita? e (5) Qual dessas formas você acha feia ou ruim? Em todas as perguntas o informante tinha três possibilidades de respostas objetivas: (a) *Tu*, (b) *Você* e (c) *Senhor(a)*. Nas perguntas (4) e (5) havia ainda a alternativa de assinalar (d) *Não acho feia ou ruim nenhuma das formas acima*. O informante poderia também assinalar mais de uma alternativa caso achasse necessário.

Neste trabalho, discutiremos apenas as respostas dadas à pergunta (2) *Qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?*

Obtivemos, no total, 212 questionários respondidos, sendo 127 deles de informantes nascidos em Florianópolis ou região metropolitana e moradores desses mesmos lugares e 85 de informantes nascidos em outras cidades e moradores de Florianópolis ou região.

Vale ressaltar que, dentre os informantes de outras cidades, a maioria (63) é da Região Sul, sendo 26 do Rio Grande do Sul, 25 de Santa Catarina (exceto da região metropolitana) e 12 do Paraná. Os demais informantes são da região sudeste (7 de Minas Gerais, 6 de São Paulo, 4 do Rio de Janeiro) da região norte (2 do Maranhão), do centro-oeste (1 Mato Grosso do Sul) e do nordeste (1 da Bahia). Além disso, tivemos 1 informante do Uruguai.

É importante observar que esse número de informantes de outras cidades (estados) reflete o fluxo de migração em Florianópolis.

A partir dessa coleta de dados inicial, separamos os 127 testes respondidos por sujeitos nascidos em Florianópolis ou região metropolitana (São José, Palhoça, Biguaçu etc.) e, em seguida, apartamos para análise 40 testes que se encaixavam no perfil estabelecido no quadro 1. Por fim, aplicando a regra de três, chegamos aos percentuais de cada resposta e de cada variável que são apresentados em forma de gráfico no decorrer deste estudo.

² Em Rocha (2012) podemos verificar que todos esses testes também foram considerados para uma explanação geral dos resultados.

Referencial Teórico e Revisão de Literatura

A abordagem teórica deste estudo leva em conta os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), da Dialetoлогия Pluridimensional (RADTKE e THUN, 1996; THUN, 1998; BELLMANN, 1999) e de autores que se debruçam sobre o estudo dos pronomes (BROWN e GILMAN, 1960, 2003).

Conhecidamente a teoria da Variação e Mudança linguística (ou sociolinguística variacionista), proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])³ parte da premissa segundo a qual a heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes à língua. Esta proposta rompe com a ideia, dominante ao longo do século XX, de que a língua é um *sistema homogêneo*, uniforme, estático, sistema de signos bem definidos, hierarquizados e sem variações.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a variação é inerente ao sistema linguístico, sistemática, regular e ordenada, sendo motivada por pressões sociais que estão permanentemente atuando na língua, e por isso não deve ser estudada fora do contexto social (LABOV, 2008 [1972])⁴.

O estudo das atitudes linguísticas é uma das tarefas que a sociolinguística se propõe a fazer. Está relacionado ao problema da avaliação, relativo aos julgamentos subjetivos do falante quanto à sua própria variedade linguística e à dos seus interlocutores.

O problema da avaliação linguística diz respeito a qualquer nível de atenção dos falantes em relação à fala e busca compreender de que maneira os membros de uma comunidade de fala avaliam determinada mudança, qual o efeito que essa avaliação provoca na mudança e até que ponto o estigma social influencia diretamente o curso da mudança linguística.

Uma das aspirações da investigação da avaliação linguística é a observação das respostas e reações subjetivas dos membros da comunidade diante de uma determinada mudança em curso. Essas respostas e reações perpassam todos os níveis de consciência, desde a discussão manifestada explicitamente até aquelas reações inacessíveis à introspecção. A

³ Versão utilizada: tradução de Marcos Bagno (2006).

⁴ Versão utilizada: tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso (2008).

maior parte dos estudos trata de reações manifestadas diante de mudanças que alcançam um certo nível de atenção consciente e tais reações tendem a ser negativas.

Para Labov (1972) os valores sociais atribuídos a duas formas linguísticas, uma padrão ou conservadora e outra inovadora, frequentemente simbolizam também uma oposição entre valores sociais. Esses valores sociais podem alcançar o nível de conscientização social e se tornarem estereótipos, sujeitos à correção social irregular ou, então, podem permanecer abaixo do nível como marcadores inconscientes. Mas em estágios mais avançados, uma das formas vai prevalecer, embora nem sempre uma forma tida como inovadora vence, ou seja, a sua concorrente conservadora pode vencer o “duelo” instaurando-se, assim, um movimento de retração (mudança regressiva) e não de avanço (mudança progressiva). Segue-se um longo período quando a forma desaparecida é usada como fonte de estereótipo até ser completamente extinta. Se a antiga pronúncia, por exemplo, é preservada em topônimos ou formas fixas, é ouvida como uma irregularidade sem sentido. Mas é possível também que a forma antiga sobreviva com outra função, ou seja, com especialização de uso.

É importante distinguir, no problema da avaliação social atribuído a formas ou variantes linguísticas, os diferentes estágios de mudança, pois a variação ocorre tanto no indivíduo como no nível da comunidade. Sendo assim, é possível verificarmos diversos tipos de mudança: (i) mudança implementada – estágio mais adiantado em vias de implementação; (ii) estágios de taxa média e (iii) mudança incipiente – ainda pouco detectada. No nível estrutural, ocorre uma difusão através do sistema linguístico, em que o uso de uma forma ou variante parte de contextos mais restritos e vai atingindo contextos mais amplos com o decorrer do tempo. Em síntese, ocorre uma luta evolutiva entre as formas novas e as antigas, com as novas se espalhando tanto de um falante para outro como de um contexto linguístico para outro.

A mudança linguística pode ser impulsionada pelo prestígio das formas alternantes (variantes) e pode se encontrar em diferentes estágios de propagação. Porém, nem sempre uma das variantes é menos prestigiada do que outra, isto é, a variação pode ocorrer tanto entre: (i) formas igualmente aceitas pela tradição normativa, ii) formas de *status* normativo desigual e iii) formas igualmente não aceitas normativamente. Fatores atuantes como a escolarização, contato com escrita, mídia e origem social tendem a influenciar no aumento ou na diminuição da ocorrência de formas padrões ou conservadoras.

No caso do nosso objeto de estudo nesta pesquisa, acreditamos que não há um prestígio social generalizado por parte da sociedade florianopolitana, mas uma marca de identidade local. Trata-se da noção de prestígio encoberto, postulada por Labov (1972), que está associada à noção da identidade social, ao orgulho linguístico, à ligação a uma dada classe social ou comunidade de fala. Além disso, podemos sugerir que o *você*, embora ainda não seja reconhecido como pronome pessoal de segunda pessoa pela gramática normativa, é muito disseminado pela mídia escrita e televisiva de massa, o que contribui grandemente para que a forma não sofra estigma mesmo entre os falantes que não a usam. Entretanto, é possível que o *tu* sofra estigma entre os falantes de outras regiões do país (não usuários de *tu*), pelo fato de ser uma forma utilizada somente em alguns estados e por não ser muito disseminado pela grande mídia.

Mollica (1995) sugere a existência de leis gerais e universais regulando a variação de uso da língua e de diferentes graus de percepção/avaliação passíveis de serem dimensionados pelo *uso*, *sensibilidade* e *valor social* dos fatos da língua. A autora adverte que alguns estudos empíricos atestam uma equivalência entre perfil sociolinguístico, crenças e atitudes linguísticas e confirmam o efeito da escolarização, da pressão escolar e da idade como parâmetros sociais determinantes nas escolhas linguísticas dos indivíduos. Para a autora, esses parâmetros, a depender do fenômeno variável em foco, costumam agir imbricadamente. Uma das evidências mais relevantes do trabalho de Mollica é a constatação da relação entre grau de percepção e valor social, ou seja, quanto menos notada ou percebida for uma variante, menor é o grau de estigmatização a ela atribuído. Em geral, formas que adquirem maior valor no mercado linguístico e recebem assim avaliação positiva tendem a ser usadas com um alto grau de monitoramento por parte do falante e por pessoas, geralmente, mais letradas.

A autora menciona também que a pressão social não promove somente variantes padrões, isto é, existem também contrapressões que prestigiam o uso da fala informal e vernacular.

Para Chambers (1995), as forças que prestigiam a variante padrão, ou standard, são mais claras e identificáveis: (i) a academia e as gramáticas tradicionais que invalidam usos mais coloquiais ou não abonados; (ii) os pais de classe média que defendem uma ‘boa linguagem’; (iii) os professores que corrigem o uso dos alunos; (iv) as cartas ao editor que deploram usos não prescritos pela gramática normativa; (v) o falante que desculpa-se pelo seu

modo de falar ‘errado’ ou por cometer erros de ortografia ou gramática; (vi) a não reclamação da hipercorreção na mídia ou da uniformidade de sotaque entre locutores de telejornais, etc.

O conhecimento das diferentes situações de linguagem de um determinado lugar, o comportamento dos usuários dessa língua diante de cada uma das possibilidades de uso e o entendimento dessa pluralidade de formas que convivem, constituem-se, na atualidade, a preocupação dos estudos dialetais. Para isso, a Geolinguística teve que se adequar a esses objetivos e transformou-se na Geolinguística Pluridimensional, no entanto, ela não substitui a primeira e, além disso, terá que administrar competentemente a pluralidade dos dados.

O modelo teórico da *Dialetologia Pluridimensional e Contatual* tem como princípio básico a pluridimensionalidade da análise da variação linguística, pelo qual se busca combinar a dimensão diatópica (horizontal), interesse primordial da dialetologia tradicional, com dimensões sociais (verticais), tradicionalmente enfocadas pela sociolinguística.

Coseriu (1982, p. 36) afirma que “a Dialetologia é o estudo da configuração espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais e é essencialmente ‘gramática comparada’” e não cabe a essa ciência estabelecer fronteiras entre os dialetos, mas comprovar a configuração diatópica real da língua histórica, os limites efetivos da uniformidade idiomática, que, naturalmente, podem ser diferentes para os diferentes fenômenos considerados. Isto é, a Dialetologia registra e estuda a variedade idiomática como tal e trata de tirar dessa variedade inferências acerca do modo como funcionam, se constituem e se modificam as tradições idiomáticas

Dessa união que extrapola a variável diatópica ao buscar outras variáveis sociais, conjugando os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia/geolinguística e da sociolinguística, surge a geo-sociolinguística (ou sócio-geolinguística), um termo que vem sendo bastante utilizado no Brasil por pesquisadores como Razki (2003) e Cunha (2006).

Ao aliarmos dois enfoques teóricos da variação – a dialetologia e a sociolinguística – temos ferramentas importantes para compreendermos a variação linguística. A geografia linguística, como método da dialetologia, foi se aperfeiçoando e, atualmente, extrapola a variável diatópica ao buscar novas variáveis sociais. Em suma, a união desses métodos nos permitirá, por parte da dialetologia, ter uma *macrovisão* do fenômeno em estudo ao observarmos a sua distribuição nos mapas geolinguísticos e, ao mesmo tempo, ter uma *microvisão* do fenômeno, ou uma visão mais aprofundada, por parte da sociolinguística laboviana.

Para tratarmos do nosso objeto de estudo, nos baseamos também nos baseamos também na semântica do *poder* e semântica da *solidariedade* proposta por Brown e Gilman (1960). Com base no conceito desses dois termos, os autores analisam as diferenças existentes no uso de tais pronomes no francês, no alemão e no italiano. A análise parte dos pronomes latinos *tu* e *vos*, o primeiro usado como pronome de familiaridade recebeu designação geral de *T* e o segundo, como pronome de formalidade, recebeu *V*. Estas duas letras foram usadas para representar esses dois conceitos gerais em qualquer língua.

De acordo com esses autores, uma pessoa tem *poder* sobre outra conforme o grau em que ela é capaz de controlar o comportamento da outra. Porém, esse *poder* é *não recíproco*, pois em um relacionamento entre pelo menos duas pessoas, elas não podem ter *poder* na mesma área de comportamento. Sendo assim, a semântica de poder é não recíproca, por isso, o superior diz *T* e recebe *V*.

Brown e Gilman (1960) citam algumas bases para o poder, dentre elas estão a *idade*, o *sexo*, os *papéis institucionalizados da igreja, do estado, do exército ou os papéis dentro da família*. Para ilustrar a manifestação da semântica do poder em diferentes bases, os autores trazem exemplos da história da língua, especialmente na Europa Medieval, em que os pais eram figuras do imperador e que as primeiras experiências do indivíduo de subordinação ao poder através do *V* eram com os pais.

Considerando que a semântica do poder é *não recíproco* e apenas prescreve o uso entre superior e inferior, os autores estabeleceram outra semântica para o tratamento entre iguais. Nas sociedades da Europa Medieval, os pronomes de referência entre os iguais eram recíprocos, ou seja, os indivíduos davam e recebiam a mesma forma pronominal e, mesmo depois desse período, os iguais das classes altas trocavam entre si o *V* enquanto os iguais de classes baixas trocavam o *T*.

De acordo com os autores, o fato de o *V* ter entrado nas sociedades através das classes altas, ele adquiriu, principalmente entre os europeus, o *status* de elegância e gradualmente surgiu uma conotação diferente para o *T* e *V* e chamou-se o *T* de *intimidade* e o *V* de *formalidade*. Essa nova dimensão foi chamada pelos autores de *solidariedade*. Todavia, como nem todas as diferenças entre as pessoas são diferenças de poder, quando as diferenças não são relacionadas ao poder, o *V* surge em ambas as direções.

Os autores também estabelecem a *solidariedade* como *simétrica* para os relacionamentos em geral. Nessa semântica, as normas de uso são recíprocas e o *T* se torna

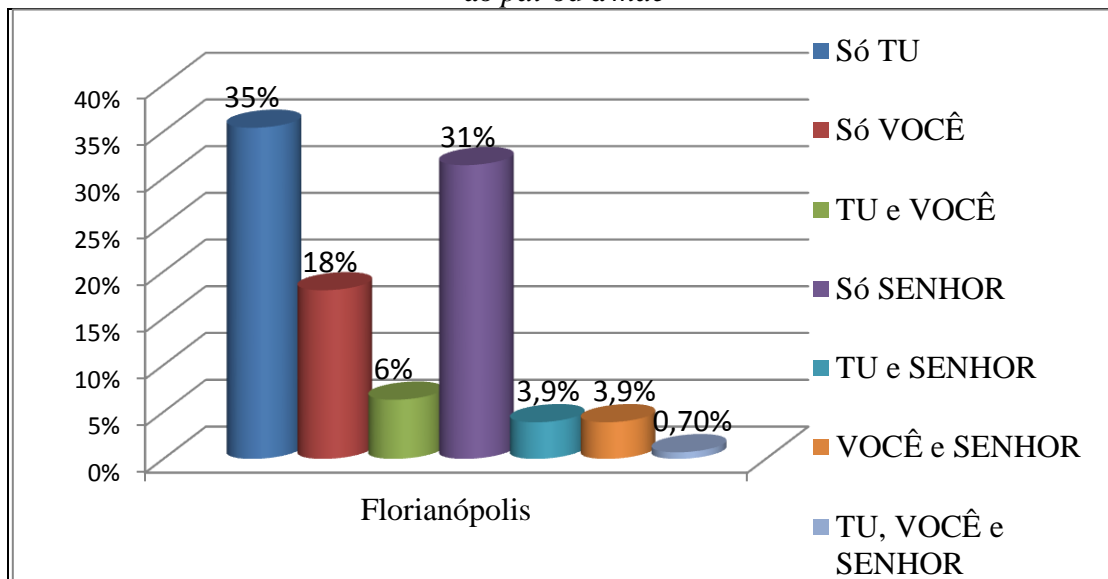
mais provável à medida que a solidariedade aumenta e o *V* à medida que a solidariedade diminui. De acordo com os autores, essa semântica ganhou supremacia sobre a semântica do poder a partir do século XIX e o resultado disso é um sistema unidimensional, isto é, o *T* é recíproco de *mais solidariedade* e o *V* é recíproco de *menos solidariedade*.

Diante do exposto, acreditamos que ao aliarmos os métodos e as teorias descritas até aqui, poderemos analisar os dados a partir de pontos de vista diferentes, o que certamente contribuirá para que encontremos as respostas às perguntas feitas neste estudo.

Apresentação e Análise dos dados

Dedicaremos aqui a ilustrar e a discutir as respostas dadas pelos informantes à segunda pergunta do teste de percepção que indagava o informante sobre *qual forma você costuma usar para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?* Para esta questão obtivemos as seguintes respostas.

Gráfico 1: Distribuição geral das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir ao pai ou à mãe



Como podemos visualizar no gráfico 1, as formas preferidas para se dirigir ao pai ou à mãe, em Florianópolis, são o *tu* (35%) e o *senhor* (31%), seguidas em menor frequência por *você* (18%), *tu e você* (6%), *tu e o senhor* (3,9%), *você e o senhor* (3,9%) e *tu, você e o senhor* (0,7%).

Observando o gráfico, vemos que a grande maioria dos informantes está dividida entre as formas *tu* e *senhor* seguida de um grupo considerável que pessoas que preferem o uso de *você* para esse tipo de relação. Diante de tais resultados nos indagamos sobre os motivos que levam um grande grupo de informantes a optarem pela forma *mais solidária – tu*, nos termos de Brown e Gilman (1960), enquanto no mesmo espaço social outro grande grupo de informantes opta pela forma *menos solidária – você*, isto é, podemos afirmar que a relação entre pais e filhos se tornou mais simétrica e, dessa forma, mais solidária? Acreditamos que sim, embora a forma *o senhor*, conhecidamente mais formal e mais respeitosa, continue bastante frequente (31%) em nossa amostra.

Para checar tal hipótese, ao aplicar os testes em uma escola de Educação Básica de Florianópolis, perguntamos oralmente a alguns alunos se os pais pediam a eles que os chamassem se *senhor* ou de *senhora*. Diante de tal pergunta, obtivemos alguns depoimentos como o seguinte:

(1) “*sim, meu pai, minha mãe, meu vô e minha vó me pedem pra chamar de senhor e de senhora, aí eu chamo*”. (M1AC1)

Podemos observar, a partir desse depoimento, que ainda existem pais que exigem essa postura mais respeitosa por parte dos filhos. Entretanto, não há garantias de que receberão tal tratamento como podemos observar no depoimento seguinte:

(2) “*A minha mãe pede que eu chame ela de senhora, mas eu não chamo não, ela não tem cabelo branco*”. (M1AC2)

Como vemos, esse informante não considera a mãe “velha” o suficiente para ser chamada de *senhora* e por isso, ele acha que ela não merece receber esse tipo de tratamento. Entretanto, podemos inferir que, nesse caso, o menino use a forma *o senhor* para as outras pessoas mais velhas, desde que elas tenham cabelos brancos.

Vejamos outro depoimento:

(3) “*Não tia, meu pai só pede que eu chame ele de você*”. (M1AC3)

Nesse caso, podemos inferir que o pai em questão considere o *você* mais respeitoso que o *tu* e por isso prefere que o filho o chame dessa forma.

Muitos foram os informantes que disseram o seguinte:

(4) “*Eu chamo de pai e mãe*”. (indefinido)

Não conformadas com tal resposta, dávamos exemplos de interação direta e perguntávamos como eles falariam, diante disso, recebíamos exemplos como,

(5) “*a mãe quer ir no mercado*”. (indefinido)

(6) “*o pai ta bem hoje*”. (indefinido)

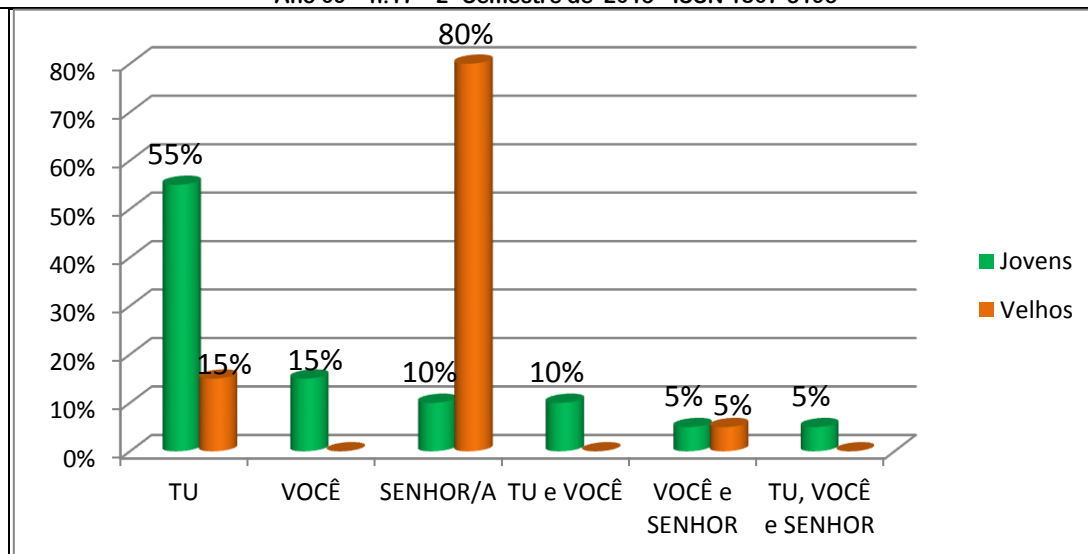
(7) “*a mãe vai viajar?*”.(indefinido)

Refletindo sobre esses depoimentos e interrogando outros sujeitos nativos de Florianópolis, verificamos que se trata de um uso comum, inclusive fora da região e que merece ser investigado com mais afinco em estudos posteriores.

Ao observarmos somente os resultados de Florianópolis, separadamente por célula social, vemos que a idade é um fator relevante na escolha da forma a ser utilizada para se referir ao pai ou à mãe, vejamos o gráfico a seguir.

Gráfico 2: Distribuição das respostas dos testes de Florianópolis referente à forma utilizada para se dirigir a um *ao pai ou à mãe* considerando a *idade do informante*⁵

⁵ Consideramos *jovens* os informantes com idade entre 12 e 33 anos. E *velhos* os informantes com idade entre 42 e 74 anos.



Conforme podemos visualizar no gráfico 2, novamente a maioria dos informantes está dividida entre as formas *tu* e *senhor*. Dentre aqueles que optam pela forma *tu* a grande maioria (55%) é de pessoas jovens enquanto dentre aqueles que optam pela forma *senhor* a grande maioria (80%) é de pessoas velhas. Diante de tais resultados podemos sugerir que os jovens preferem a forma *mais solidária* enquanto os mais velhos preferem a forma *menos solidária*. Tais resultados também sugerem que a relação entre pais e filhos vem mudando com o passar do tempo, ou seja, uma relação que era mais assimétrica em que os pais detinham o poder e eram a autoridade familiar, marcando tal poder com um certo distanciamento e respeito dos filhos, vem se tornando mais simétrica em que os pais são mais amigos dos seus filhos, marcando essa amizade familiar, ou igualdade, na intimidade e aproximação com os filhos. Diante dessa mudança nas relações familiares, a escolha pela forma pronominal apenas reflete tal transformação social/cultural. Esses resultados vão ao encontro de alguns depoimentos de indivíduos mais velhos:

(8) *“Agora não, agora é um abuso. Não se respeita mais velho, uma pessoa mais velha. [Os pais]- os filhos não respeitam mais os pais, né [Isso]- esse negócio de chamar o pai de "tu" pra lá, "tu" pra cá. [Na minha]- na minha época, não. [As minhas]- as minhas tias davam a bênção. Às minhas primas mais velhas, eu dava a bênção. Dava a bênção pras primas mais velhas. Respeitava as primas mais velhas como se fossem uma tia. Era assim. [...] Eu*

chamava ela de senhora. Ela é a prima mais velha. "Não quero ir com a senhora, não." (FLP08. Mulher + velha).

(9) Entrevistado: *[Sempre têm razão.] Então não se pode comparar a educação com hoje não. Hoje a educação é uma coisa assim, (hes) como é que se diz? É coisa assim muito salutar, uma coisa assim muito superficial (est) a educação. Uma coisa muito superficial.*

Entrevistador: *Tu dizes educação [entre pai e filho?*

Entrevistado: *Educação Pai e filho, é. Hoje não existe mais o respeito ("pelo")... Tu vês que hoje, pra filho se chama pai de "tu": "Aonde é (est) que tu vais, tu-"*

Entrevistador: *Ah, tu chamavas de senhor, [só de senhor?*

Entrevistado: *[Naquela época] era senhor, senhora. Se eu chamasse de tu eu levava uma borrachada na cara e outra surra e surra. Deus me livre, naquela época era senhor, senhora, bom dia. Tinha que beijar os padrinhos na mão. Dar a benção.* (FLP18. Homem + velho)

(19) Filha: *"tu usa senhora pra falar com a tua mãe?"* Informante: *"Sim, eu fui ensinada assim, a chamar os mais velhos de senhor e senhora".* Filha: *"mas eu não te chamo de senhora".* Informante: *"é, é, é, mas tu é tu né Ariela, é outra geração".* (TESTE01ROSE. Mulher + velha)

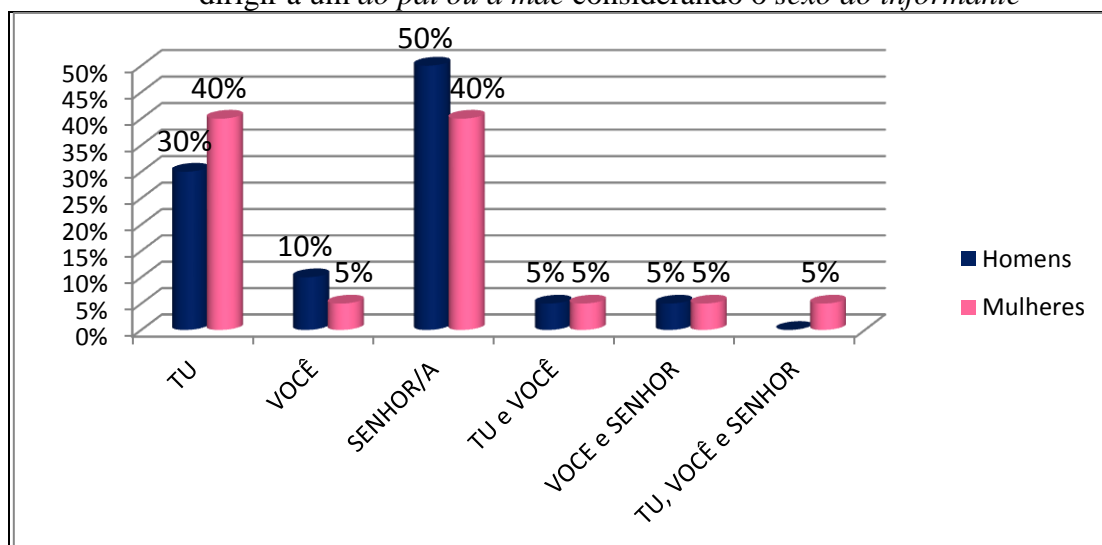
Como vemos nesses depoimentos, os informantes mais velhos ainda guardam esse valor de mais respeito para com os pais e conseqüentemente para com mais velhos tratando-os por *o senhor* e os resultados dos testes corroboram com essa interpretação, pois temos apenas 15% deles optando pela forma *tu* para se dirigir aos pais, enquanto a maioria dos mais jovens (55%) prefere essa forma para esse tipo de relação.

Diante desses resultados poderíamos também supor que o *você* funcionaria como um "coringa de tratamento" ou seja, ele é preferido tanto para relação com o amigo (simetria), como podemos ver nos resultados da pesquisa de Rocha (2012), quanto para a relação com os pais, ou seja, uma relação de assimetria. Nesse sentido ele atuaria tanto na dimensão de

solidariedade quanto na dimensão de poder. Entretanto, infelizmente, não temos dados suficientes para fazermos afirmativas mais contundentes a respeito dessa hipótese.

Ao considerarmos os resultados dos testes segundo a variável *sexo* podemos visualizar algumas tendências expostas no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um *ao pai ou à mãe* considerando o *sexo do informante*

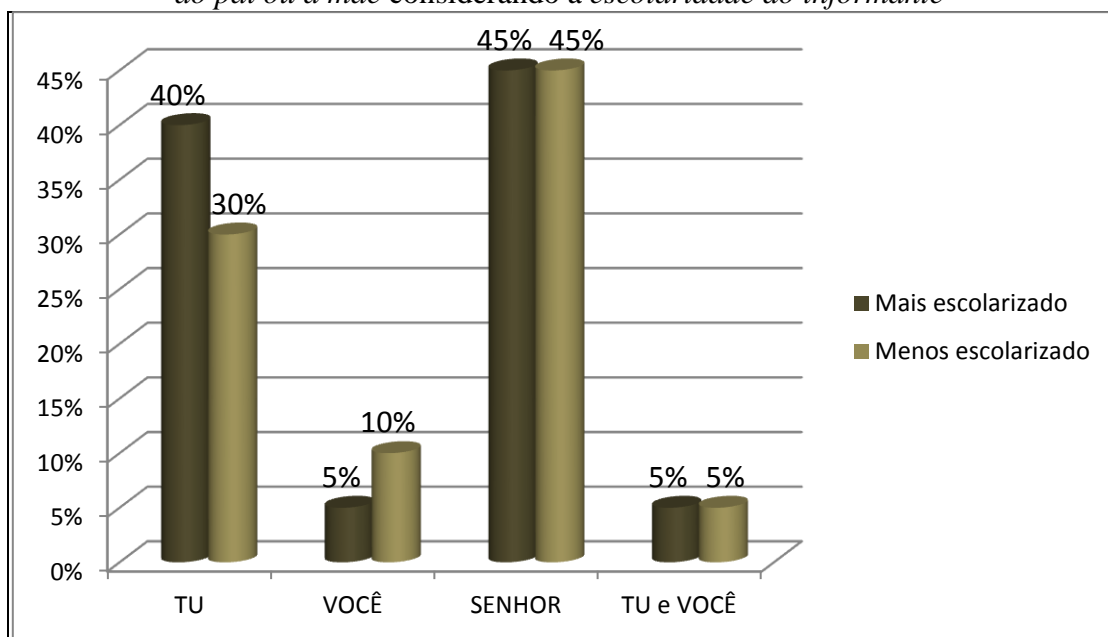


Conforme podemos visualizar no gráfico 3, a maioria dos informantes está dividida entre as formas *tu* e *senhor*. Dentre aqueles que optam pela forma *tu* a maioria é mulher (40%) enquanto dentre aqueles que optam pela forma *senhor* a maioria é homem (50%). Entretanto, vemos que a diferença no percentual de escolha de homens e mulheres é pequena (10%), mesmo assim, podemos sugerir os homens tendem levemente a uma postura mais

conservadora, ou mais distanciada, na relação com os pais e por isso preferem a forma considerada *menos solidária* – *senhor* enquanto as mulheres tendem levemente a uma postura mais próxima, ou mais íntima, na relação com os pais e por isso preferem a forma considerada *mais solidária* – *tu*.

Ao considerarmos os resultados dos testes segundo a variável *escolaridade* podemos visualizar algumas tendências expostas no gráfico a seguir.

Gráfico 4: Distribuição das respostas dos testes referente à forma utilizada para se dirigir a um *ao pai ou à mãe* considerando a *escolaridade do informante*⁶



Conforme podemos visualizar no gráfico 4, a maioria dos informantes está dividida entre as formas *tu* e *senhor*. Porém, dentre aqueles que optam pela forma *tu* a maioria é mais escolarizado (40%) enquanto dentre aqueles que optam pela forma *senhor* não há diferença entre mais escolarizados e menos escolarizados, 45% para ambos. Entretanto, vemos que a

⁶ Consideramos *mais escolarizados* os informantes com Curso Superior completo ou incompleto e *menos escolarizados* os informantes com Ensino Fundamental completo ou incompleto.

diferença no percentual de escolha da forma *tu* pelos menos escolarizados e pelos mais escolarizados é pequena (10%), mesmo assim, podemos sugerir os mais escolarizados tendem levemente a uma postura mais achegada, ou mais íntima, menos formal, na relação com os pais e, por isso, afirmam preferir a forma considerada *mais solidária – tu*.

Considerações Finais

Diante dos resultados obtidos e expostos neste estudo podemos afirmar que, em suma, em situações de assimetria, com os pais, os ilhéus se dividem entre os que preferem o uso exclusivo de *tu* (35%) e os que usam somente *o senhor* (31%), além daqueles que usam a forma *você* (18%).

Considerando o caráter mais respeitoso e mais distante do *você* e de maior proximidade e intimidade do *tu* (ARDUIN, 2005), além do caráter mais polido, mais cortês e mais respeitoso de *o senhor* (CUNHA e CINTRA, 1985), podemos afirmar que os informantes florianopolitanos estão divididos entre aqueles que preferem uma forma mais íntima, mais caseira, mais próxima, mais achegada e mais solidária – *tu* – para dirigirem-se aos seus pais e aqueles que preferem uma forma mais polida, mais educada, mais respeitosa, mais formal e menos solidária – *senhor* – para dirigirem-se aos seus pais.

Considerando as variáveis sociais controladas, vemos que o fator *idade* se mostrou bastante relevante. Embora não tenhamos submetido os dados a nenhum programa de análise estatística, vemos que os percentuais são significativos, pois dentre aqueles que optam pela forma *tu* para o relacionamento com os pais, a grande maioria (55%) é de jovens enquanto dentre aqueles que optam pela forma *senhor* a grande maioria (80%) é de velhos. Já os fatores *sexo* e *escolaridade* mostraram apenas leves tendências, ou seja, os mais escolarizados tendem a usar mais *tu* em relação aos menos escolarizados e as mulheres tendem a usar mais *tu* enquanto os homens tendem a usar mais *senhor*.

Bibliografia

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

BELLMANN, G. Variação e deviação. *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, n. 4, p. 7-20, 1999.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). *Sociolinguistics: The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, p. 156-176, 2003 [1960].

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory – linguistic variation and its social significance*. Oxford UK/Cambridge USA: Blackwell, 1995.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (orgs.) *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: 2011.

COSERIU, E. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas Centro de Linguística Hispánica, 1982.

CUNHA, C. de S. (org). *Estudos geo-sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2006.

CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasiliense falado*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwel, 1994.

LABOV, W. YAEGER, M. e STEINER, R. A quantitative study of sound change in progress. Report on National Science Foundation Contract GS-3287. Philadelphia: U.S. Regional Survey, 1972.

LEÃO, P. B. *Variação de “tu” e “você” no português falado no Sul do Brasil*. Disponível em: file:///O:/Homepage/livro2/artigo_paula.htm (1 of 8). Acesso em 18/11/2003.

LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

MENON, O. P. S. Pronome de Segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/ você/ o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-163, mar., 2000.

- MOLLICA, M. C. Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos. In: HEYE, J. (Org.). *Flores verbais*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. p. 121-129, 1995.
- NUNES de SOUZA, C.. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E. e THUN, H. (orgs.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991), Kiel: Westensee-Verlag, p. 25-49, 1996.
- RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis, Curso de Pós-graduação em Linguística*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1989.
- RASKI, A. (org). *Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará*. Belém, 2003. Gráfica e Editora Grafia, Procedencia del original Universidad de Texas. Digitalizado 17 Oct 2008.
- ROCHA, P.G. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.
- SOARES, A. S. F. *Segunda e terceira pessoa – o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.
- THUN, H. *La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNACIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.:1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tubingen: Niemeyer. p. 701-729, 1998.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas. p.95-188, 1968.